

MUDANÇA, CRISE E REDEFINIÇÃO DE PAPÉIS: As mulheres brasileiras lá fora.

Sylvia Duarte Dantas DeBiaggi *

É sabido que o processo de imigração constitui-se numa difícil experiência de vida, com características únicas. O imigrante tem de lidar com múltiplas perdas decorrentes da mudança de país, em que deixa para trás familiares, amigos, trabalho e todo um contexto onde língua, normas sociais e locais eram bem conhecidos. Além disso, também tem de ajustar-se a um novo local onde o que antes era parte da rotina se torna um desafio diário¹.

Estudiosos definem a adaptação do imigrante ao novo país como um processo de aculturação em que ocorre uma mudança na cultura, principalmente do grupo minoritário, em função do contato contínuo entre dois grupos culturais distintos (Berry et al., 1987; Phinney, Chavira, & Williamson, 1992). Segundo Berry (1980), tal processo envolve três fases: contato, conflito e adaptação. Essa experiência será mais ou menos estressante para o imigrante dependendo de vários fatores, como por exemplo: similaridade ou não na língua, diferença de costumes e valores entre as duas culturas, além de aspectos psicológicos de cada indivíduo. Desta forma, o processo de aculturação tem sido visto como multivariável, ou seja, muitos fatores entram em jogo na adaptação ao novo local. Um destes fatores é a mudança na concepção dos papéis sociais de gênero.

Este artigo tem como objetivo analisar a experiência das mulheres brasileiras como imigrantes nos Estados Unidos, particularmente na cidade de Boston, com enfoque em seus papéis de gênero no âmbito da família.

Quem são as imigrantes brasileiras?

Muitos brasileiros têm imigrado para os Estados Unidos indo em grande parte para a área de Boston, no estado de Massachusetts. Estimativas da Arquidiocese de Boston calculam a presença de 150 mil brasileiros na área. Originalmente o imigrante brasileiro típico aos Estados Unidos era do sexo mas-

culino e desacompanhado. Tal padrão, porém, vem se modificando com um fluxo cada vez maior de mulheres e famílias brasileiras (Franklin 3/2/92). As brasileiras em grande parte imigram acompanhadas do marido e/ou filhos e/ou outros parentes.

O que são papéis de gênero?

Papéis sexuais ou papéis de gênero referem-se a construções sociais do que é ser uma mulher e o que é ser um homem. Cada sociedade com características culturais específicas apresenta uma gama de expectativas de comportamento para ambos os sexos. Tais expectativas são transmitidas à criança num processo de socialização através dos pais e da cultura em geral.

A identidade sexual, parte fundamental da identidade de cada indivíduo, inclui concepções aprendidas de como comportar-se, pensar, sentir enquanto homem ou mulher. Além disso, inclui ideais de masculinidade e feminidade e a relação entre ambos os sexos. O desenvolvimento da identidade sexual como afirma Block (1973) é determinado por uma complexa interação entre fatores biológicos e fatores históricos culturais. A concepção que cada indivíduo tem de papéis sexuais influenciará diretamente seu comportamento e autoconcepção.

As brasileiras e os papéis de gênero

Em meu estudo sobre famílias brasileiras em Boston², um dos principais temas a emergir entre as famílias entrevistadas foi o da relação de gênero entre cônjuges. Com a imigração, circunstâncias de vida levam a uma reestruturação da organização familiar. Esta mudança gera um questionamento das relações até então estabelecidas entre marido e mulher e surge com isto a situação de crise nas relações entre ambos.

No Brasil, mesmo quando a mulher trabalhava, seu salário representava uma ajuda

ao orçamento familiar. A mulher era responsável pelas tarefas domésticas e pelo cuidado das crianças. Mesmo em famílias de classe média em que havia a empregada doméstica, era implícito que tais tarefas pertenciam ao âmbito feminino. Ou seja, se na prática a esposa não limpava a casa, não lavava a roupa, não dava banho nas crianças, não preparava as refeições, tais incumbências eram atribuídas como suas na falta de uma substituta. Já o homem tinha o papel de provedor da família, a casa não constituía sua esfera de trabalho e preocupação. Portanto, a família brasileira emigra com um padrão de funcionamento interno em que homem e mulher se identificam a partir de uma estrutura tradicional de papéis.

Numa família, a responsabilidade dos adultos é muito maior do que a do indivíduo que emigra só. Este tem muito menos gastos e pode poupar em muitas coisas, como por exemplo, na moradia, ao dividir um apartamento com outras pessoas (Magolis, 1993). Contudo, ao chegarem ao novo país, despesas com moradia, alimentação e vestimentas, entre outras coisas, levam ambos a trabalhar. Assim, as mulheres passam a trabalhar fora de casa devido a necessidades de ordem financeira da família. Muitas vezes até ganham mais do que seus cônjuges, em virtude de uma maior demanda do trabalho feminino (Martes, 1996) - caracterizado como tal - em Boston.

Portanto, ambos trabalham fora de casa por várias horas e ao retornarem há sempre a responsabilidade do cuidado dos filhos e da casa. E é justamente na área da divisão de tarefas ligadas a casa e aos filhos em que surge o conflito dos papéis de gênero.

Então, o que acontece?

As mulheres, como apontam estudos realizados com outras populações latinas (Guendelman, 1987; Melville, 1978;

Queral, 1984; Torres-Matruillo, 1976, 1980), através do trabalho ganham um maior grau de independência e poder e com isto sentem-se mais confiantes e com maior autonomia: Por estarem financeiramente numa situação diferente daquela em que se encontravam no Brasil e num ambiente cultural (costa leste dos Estados Unidos) propício à modernização³ do papel feminino, começam a questionar, de uma forma ou de outra, os padrões de relacionamento estabelecidos anteriormente. Diante desta nova perspectiva, cada família parece reagir de forma distinta. Há os casais que não só mantêm, como aumentam a rigidez de seus papéis de gênero a fim de evitar qualquer conflito que possa surgir nesta área. Assim, o homem continua sendo o provedor da família e a mulher responsável pelo âmbito doméstico. Padrão este entendido como sendo a norma de comportamento para as famílias em geral; não havia necessidade de explicá-lo. Contudo, com a imigração e mudança na estrutura familiar de muitas famílias, torna-se uma opção consciente de relacionamento. É preciso pois justificá-la e reforçá-la perante as outras alternativas agora existentes.

Outros casais experienciam uma crise no relacionamento quanto aos respectivos papéis. Apesar disso, mantêm o padrão anterior de funcionamento. A mulher, no caso, muito embora não concorde com a desigualdade da divisão de tarefas em casa, acaba por conformar-se com a situação. Este padrão distingue-se do anterior no sentido de que há um desacordo consciente entre marido e mulher quanto aos respectivos papéis.

Um terceiro padrão é o chamado (pelos próprios brasileiros) estilo americano de vida familiar. Este é caracterizado pela independência dos cônjuges quanto a questões financeiras e a divisão de tarefas em vários âmbitos, como no cuidado com os filhos e afazeres domésticos. Entre este padrão e o anterior, porém, há um período intermediário de crise. A estrutura tradicional é questionada pela mulher (não há indícios de que o seja pelo homem) e confrontada. A mulher tem maior controle financeiro (atribuição antes masculina) contudo, o homem não admite assumir atribuições ditas femininas. A saída pode

ser a separação do casal com uma possível reconciliação posterior e aí sim com a adoção do modo "americano" de vida, ou uma separação permanente. A seguir exemplificarei melhor os padrões mencionados.

Somos como antes

Para algumas famílias, a imigração e o contato com outras famílias brasileiras em que a mulher mudou seu papel anterior, apenas reforça seus papéis de gênero tradicionais. Com receio de que a alteração no padrão familiar leve a uma crise no casamento, a mulher alia-se à linha de pensamento de seu marido, justificando assim o padrão tradicional de funcionamento. Isto é ilustrado no caso de uma das entrevistadas que, por exemplo, mantém um emprego em que é mal remunerada a fim de não competir com seu marido. Ela submete-se a um pagamento injusto como ajudante de uma outra brasileira em house-cleaning, sem questionamento, justificando que não quer incorrer nos mesmos problemas matrimoniais que sua empregadora-amiga enfrenta. Assim, ganhar tão bem quanto ou melhor que o marido é associado a futuros problemas na relação conjugal. Mantendo a divisão tradicional de relação a mulher também protege o companheiro de uma possível crise em sua identidade sexual. Explica o marido de uma entrevistada:

*"Eu deveria ajudar, ela sabe disso... Mas eu não ajudo porque eu não gosto. Não é porque eu sou macho e um macho não faz essas coisas, não tem nada a ver... Para alguns amigos meus aqui é **escravidão**. O fato é que no Brasil as mulheres nunca exigiram essas coisas. As mulheres mudam aqui... Eu acho que no Brasil devido a situação financeira delas, lá elas eram mulheres".*

Para o homem, a quebra da estrutura familiar anterior representa uma ameaça a sua masculinidade (Torres-Matruillo, 1976 e 1980). Ele sente sua auto-estima, em grande parte culturalmente determinada, rebaixada.

Que jeito

A dupla jornada de trabalho causa grande stress nas mulheres. Cabe lembrar que a família que antes de migrar contava com a ajuda de uma empregada doméstica ou faxineira (prática comum no Brasil no caso da classe média), vê-se agora desprovida da mesma, além de não contar com a

ajuda de familiares no cuidado com as crianças e/ou outras incumbências de uma família. Assim, o casal depara-se com um contexto em que mais do que nunca um tem de contar com o outro.

Algumas mulheres expressam a seus companheiros a dificuldade encontrada por acumularem trabalho doméstico e trabalho fora de casa, mas sem respaldo por parte do companheiro acabam por omitir seu pedido de ajuda. Como bem diz uma entrevistada, a mulher anula-se a fim de manter a família unida:

"Nós ficamos quarenta horas fora de casa, quando eu chego em casa eu ainda tenho de cozinhar, organizar a casa, aí não! A mulher sempre faz mais... Aqui a gente se anula muito, você perde muito. Eu me anulei tremendamente. Eu não faço nada do que eu gostaria. Eu tenho três filhos e um marido, então você tem de aceitar muita coisa para a situação não ficar pior. Você deixa muita coisa de lado porque se você começa a exigir os seus direitos aí a coisa fica ruim. ... Deixa a gente cansada, é muito difícil de mudar... muito difícil mudar."

Vamos ser modernos

Por não estarem mais numa situação de dependência financeira e pressão socio-cultural algumas mulheres enfrentam seus maridos e colocam as cartas na mesa. Assim, enquanto outras queixam-se da situação desigual mas continuam porém a manter o status quo, como a entrevistada acima, outras já reagem de modo concreto:

"Ele disse que quando eu chego em casa eu fico exigindo coisas dele. Ah, eu exijo mesmo. Eu falo. Às vezes eu chego em casa e tá a maior bagunça, tem roupa jogada pela casa toda. Eu digo que eles (filhos e cônjuge) não estão colaborando... Ele reclama que eu exijo muito mas eu digo que eu faço isso porque sei que ele pode colaborar"⁴

Caso o marido não aceite mudar sua visão de que ambos devem partilhar os afazeres domésticos, a solução apresentada é a separação⁵, como comenta outra entrevistada:

"Acontece muito aqui na América, muitos brasileiros se separam. Aqui a mulher tem muito mais voz do que no Brasil: dinheiro. No Brasil ela tinha que ser boazinha e ficar quietinha. Aqui todo mundo diz que o marido tem de ajudar."

A reação masculina diante do problema vivido necessariamente influi na atitude tomada pela mulher. Como visto, caso não haja flexibilidade e mudança do padrão tradicional por parte de seus companheiros, algumas mulheres pedem a separação. Há uma incompatibilidade na linha de pensamento de cada um dos cônjuges no que tange ao comportamento masculino e feminino. A resistência por parte do homem devido a ameaça sentida à sua posição de poder na família, não mais é aceita. A mulher não se submete a tal padrão de comportamento uma vez que agora ela também se sente no poder de escolher uma alternativa para si.

Como ficamos?

Há indicação de que alguns casais, após um período de crise e mesmo separação, passam por um processo de transformação e reconciliam-se adotando uma nova concepção de relacionamento. Neste novo contexto a necessidade que um parceiro tem do outro advém não de funções estipuladas por sexo e complementares neste sentido, mas por uma necessidade emocional que um indivíduo tem do outro. Assim ilustra o comentário de uma brasileira:

'Minha amiga Sonia, que eu conheci aqui, separou-se porque seu marido era dose. Eles estavam juntos há três anos. Ela agora odeia trabalho de casa porque ele achava que ela tinha de fazer tudo na casa, ele queria as refeições na hora certa. Ela disse que não suporta isto. Hoje eles estão namorando de novo e agora ele é quem convida ela para jantar em casa''.

Portanto, afazeres domésticos, o cuidado e educação dos filhos, além de responsabilidades financeiras não são mais atribuídas a um ou outro porque se é do sexo masculino ou feminino. Ambos são indivíduos com responsabilidades e deveres perante a família.

Conclusão

O que ocorre no âmbito familiar é muito particular e íntimo. Contudo, como demonstram outros estudos com populações latinas, o processo de mudança pelo qual passa a família brasileira com a imigração não é um fenômeno isolado. Várias famílias brasileiras experienciam um processo de transformação decorrente da mu-

dança para os Estados Unidos. Assim, problemas que parecem individuais e matrimônios refletem geralmente experiências de choques econômicos e culturais. Melhor dizendo, o problema vivido pelo casal não é criado por uma ou outra pessoa ou por um problema daquele casal em particular. Há todo um contexto socioeconômico e cultural de mudança que leva cada pessoa dentro do âmbito familiar ou das relações pessoais a viver transformações em seus papéis sociais (no caso estou abordando os papéis de gênero).

Entretanto, pelo que tudo indica, há formas de agir e de reagir à mudança contextual, caracteristicamente masculinas e femininas. As mulheres estão vivendo uma maior alteração em sua forma de vida: muitas vezes entram pela primeira vez (pelo menos após o matrimônio) no mercado de trabalho. Tal mudança tem efeitos psicológicos marcantes. A mulher sente-se mais competente na esfera pública⁶, antes vista como o mundo lá fora, um mundo desconhecido e de domínio dos fortes. Sente-se mais independente enquanto pessoa e portanto não tem necessidade de adotar uma posição submissa ao homem em relação a assuntos extradomiciliares. Além disso, sente-se no direito de partilhar com o companheiro tarefas antes atribuídas a si enquanto mulher. Ambos podem aprender a lidar cada qual com esferas antes caracterizadas como intransponíveis. A reação masculina a essas mudanças, porém, parece estar sendo mais lenta e talvez sentida como mais dolorosa (Hochschild, 1989). De qualquer forma há indícios de uma transformação benéfica na família. Assim o indicam casos de famílias brasileiras que após um período de crise parecem renascer novamente com um novo status quo.

Não podemos negar a dor, a decepção e o árduo trabalho interno que cada indivíduo experiencia nesta transformação. Além disso, não podemos esquecer da importância que a história pessoal de cada um tem nesta mudança. Podemos, contudo, torcer para que os exemplos de uma mudança no sentido de uma relação mais igualitária, e aparentemente satisfatória, sejam cada vez mais numerosos.

* *Sylvia Duarte D. DeBiaggi é Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Psicologia pela Boston University.*

NOTAS

- 1 - Os aspectos levantados no presente artigo, por terem sido baseados num estudo qualitativo de cinco famílias residentes em Boston, apresentam claras limitações no sentido de sua generalização. Espero contribuir mais nesta área com minha tese de doutorado também voltada para as famílias residentes em Boston.
- 2 - From Minas to Mass: A qualitative study of five Brazilian families in Boston.
- 3 - Utilizo este termo sem julgamento de valor.
- 4 - Encontrei esta entrevistada por acaso após quatro anos quando me contou que estava separada de seu companheiro e mais contente.
- 5 - Um alto índice de separação entre imigrantes cubanos é apontado por Queral, 1984.
- 6 - Público aqui é usado em oposição à esfera privada, domiciliar, da casa.

BIBLIOGRAFIA

- BERRY, J.
(1980) Acculturation as varieties of adaptation. In: A Padilla (Ed.) *Acculturation: Theory, models, and some findings*. Boulder: Westview Press, pp. 9-25.
- BERRY, J., KIM, U., MINDE, T. & MOK, D.
(1987) Comparative studies of acculturative stress. *International Migration Review*, 21 (3), 491-511.
- BLOCK, Jeanne H.
(1973) Conceptions of sex role. Some cross-cultural and longitudinal perspectives. *American Psychologist*.
- DANTAS DeBIAGGY, Duarte Sylvia.
(1992) *From Minas to Mass: A qualitative study of five Brazilian families in Boston*. Trabalho apresentado na Boston University.
- FRANKLIN, J.L.
(1992, February 3) Homeland troubles bring Brazilian influx to region. *The Boston Globe*, p. 1, 14.
- GUENDELMAN, S.
(1987) The incorporation of Mexican women in seasonal migration: A study of gender differences. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 9 (3), 245-264.
- HOCHSCHILD, Arlie
(1989) *The second shift*. New York: Avon Books
- MARGOLIS, Maxine
(1993) *Little Brazil*. Princeton University Press.
- MARTES, Ana Cristina Braga
(1996) *As mulheres brasileiras no mercado de trabalho em Boston*. (mimeo).
- MELVILLE, M.
(1978) Mexican women adapt to migration. *International Migration Review*, 12, (2), 225-235.
- PHINNEY, J. CHAVIRA, V. & WILLIAMSON, L.
(1992) Acculturation attitudes and self-esteem among high school and college students. *Youth and Society*, 23 (3), 299-312.
- QUERALT, M.
(1984) Understanding Cuban immigrants: A cultural perspective. *Social Work*, 29, 115-121.
- ROGLER, L., CORTES, D. & Malgady, R.
(1991) Acculturation and mental health status among Hispanics. *American Psychologist*, 46(6), 585-597.
- TORRES-MATRULLO, C.
(1976) Acculturation and Psychopathology among Puerto Rican women in mainland United States. *American Journal of Ortho psychiatry*, 46(4), 710-719.
- TORRES-MATRULLO, C.
(1980) Acculturation, sex-role values and mental health among mainland Puerto Rican. In A. Padilla (Ed.), *Acculturation: Theory, models, and some new findings*. Boulder: Westview Press, pp. 11-137.